

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO—ANNO 50 (NUMEROS) 13000 RS., SEMESTRE
(25 NUMEROS) 500 RS.
FORA D'AVEIRO—ANNO (50 NUMEROS) 13125 RS., SEMESTRE
(25 NUMEROS) 570 RS.
BRAZIL, (MOEDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL, 13500 RS.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

AS ASSIGNATURAS DEVEM SER PAGAS ADIANTADAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

NA SECÇÃO DOS ANUNCIOS—CADA LINHA 15 RS.
NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS.
NUMERO AVULSO 30 RS., OU 100 RS. NO BRAZIL.
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—RUA DA ALFANDEGA NUMERO, 7

AVEIRO

NUNCA!

«A reunião effectuada no Porto não é a continuação da vida velha; é o início de vida nova: é uma remodelação partidária, como o attestam as valiosas adhesões, que ahí se affirmaram. E é bastante ampla, para que dentro d'ella caibam dignamente individuos das mais diversas procedencias, que aliaz a estreiteza e inflexibilidade d'um molde antigo não poderia receber. Aos republicanos, em especial, nos dirigimos.»

São os termos em que nos falava um jornal progressista de Lisboa no domingo passado. Pareceram-nos de troca; mas depois ficámos na duvida se seriam de troca, se seriam de sinceridade perfeita. Quem sabe? Talvez fossem ditados por um coração generoso, que poderia ser muito bem o do sr. Emygdio Navarro, que d'antes pedia no parlamento perseguição para os republicanos e hoje abre a capa da misericórdia aos transfugas do nosso partido. Talvez fossem de sinceridade perfeita porque logo no dia immediato e no mesmo jornal encontramos palavras tão caracteristicas como estas, a proposito da *Vida Nova* do partido progressista:

«Em todos os campos se ouvem as mesmas vozes de queixume, de irritação ou desalento; em todos elles, só o pudor do que falsamente se chama disciplina partidária contém francas explosões de colera, e uma exposição cruel de duras verdades; ora isto é a morte lenta, a morte pela podridão, a decomposição pela gangrena, o aviltamento dos homens, a degradação dos partidos, o desprestígio completo das instituições, a ruína do paiz.»

Não; era sinceramente que o jornal de Lisboa chamava os republicanos ao campo da Granja porque contava com a morte lenta, a morte pela podridão, a decomposição pela gangrena do partido democratico para a vida nova do partido progressista que vae ser a trigessima edição do aviltamento dos homens, e o desprestígio completo das instituições.

A trigessima edição do aviltamento dos homens, o desprestígio completo das instituições por que o aviltamento vem alli de longa data e o desprestígio é velho e antigo.

Não ha muito, que nos jornaes da Granja se dirigiam os maiores improperios e insultos a um homem que occupava altissima posição social. O conde de Valbom era coberto de sarcasmos, era coberto de injurias, d'aquellas injurias que só se lavam a tiro por que o conde de Valbom era assassino, o conde de Valbom era ladrão! Todavia, pouco tempo decorrido, o conde de Valbom era um dos chefes do partido progressista, e mandava seu filho, uma criança que surgia apenas para a vida publica, defender no

parlamento os actos e a conducta d'aquelles que lhe haviam maculado a honra. O conde de Valbom, que já foi e ha de ser de novo ministro d'el-rei nosso senhor, não duvilava em se lançar nos braços dos que o haviam injuriado; e não duvilavam abrir-lhe os braços aquellos que o haviam insultado! Isto é que se chama o aviltamento dos homens.

E faz gala da sua honra o partido progressista! Quem achou a honra do partido progressista?

N'outro dia, para os superiores da Granja, o sr. Correia de Barros era o presidente de uma commissão agarotada, a commissão salamanqueira. O sr. Correia de Barros apostatava, ou pelo menos renegava a missão do seu partido, fazendo côro com os regeneradores quando os seus correligionarios estavam em guerra aberta com a gente do poder. Mas não contente ainda, o sr. Corrêa de Barros trabalhava nas eleições pelo sr. Hintze Ribeiro e levantava-lhe no Porto arcos de triumpho. Pois esse mesmíssimo senhor é o que inicia agora a *Vida Nova* do partido progressista, a tal vida nova que serve de pretexto a tanto foguetorio! Não é vida nova, senhores, é vida alegre. Foi triste durante muito tempo e inspirou-nos muito dô; hoje é de pagodes, de *berzundellas de cahir* e inspira-nos o riso.

O sr. Corrêa de Barros, que presidia a commissões agarotadas, que falseava a missão do partido progressista, que renegava os seus principios, é hoje o grande oraculo da grey, o que inicia novos trilhos aos nomadas da Granja. Isto é que se chama o aviltamento dos homens.

E faz gala da sua honra o partido progressista! Reparae no que se passa n'este instante entre os republicanos, para cuja podridão tanto vos apraz em appellar. Houve entre elles um homem, um chefe, um idolo, que ha dois dias recuou na lucta que encetára. Ainda se não provou que tenha apostatado, que haja fugido a descançar á sombra da bandeira realista; apenas se viu que não possuía o grande espirito democrata e que deixara cahir umas sombras no seu nome. Pois não foi preciso mais para que esse homem fosse expulso de directorio e clubs, para que lhe voltassem as costas e até o desfeitassem os individuos que mais o idolatravam. Aquillo sim, aquillo poderá ser a honestidade d'um partido!

Apontam-nos a apostasia do sr. Oliveira Martins, como exemplo grandioso que devemos imitar, como exemplo de sacrificio e de abnegação. Não ha que duvidar; a *Vida Nova* do partido progressista vae ser a trigessima edição do aviltamento e do desprestígio. Porque não conhecemos nos ultimos tempos homem que se aviltasse tanto, que descesse tão baixo, como se aviltou e desceu o sr. Oliveira Martins.

Socegae; não vamos cobrir de vituperios o sr. Oliveira Martins. Não, porque o sr. Oliveira Martins não nos irrita; o sr. Oliveira

Martins causa-nos pena. Não, porque o sr. Oliveira Martins não é uma conquista; o sr. Oliveira Martins é um tropeço. Hontem, valia muito; hoje, não vale nada. Era o escriptor laureado, cheio de erudição e de sciencia; é o aventureiro da politica que abdica da sua independencia em favor de uma collectividade desconjunctada e roida de vermes. O Oliveira Martins da politica é precisamente o inimigo, o antagonista declarado do Autor da *Theoria do Socialismo, das Eleições, da Historia de Portugal e do Portugal Contemporaneo*. Aquelle nega tudo quanto este diz; este desaprova tudo quanto aquelle faz. Senhores, isto é que se chama o aviltamento dos homens!

Levae isso que era para nós uma conquista e que para vós é um tropeço. Os dois Oliveiras Martins não se conhecem. O de hoje escreve livros, mas escreve-os com o beneplacito do sr. Anselmo Braamcamp.

Quanto ao desprestígio das instituições, é velho e antigo como disse. Data d'aquelles tempos em que os chefes progressistas insultavam o rei para depois lhe beijarem o pé. Mas vae ser correcto e augmentado com a acquisição do sr. Oliveira Martins. Sim, os progressistas vão arremessar á cara do throno com um homem que chamou *doidos e maus* aos membros da casa de Bragança; que vê em todos elles a descendencia do *crasso sangue alemtejo da filha do Barbado*; que chama ás eleições — *feitas a tiro, a cacete, a dinheiro e empregos* — o *sophisma da representação por culpa do principio que nos dirige*; que define o liberalismo — *anarchia na economia, anarchia na politica*.

Arremessando com esse homem á cara do throno, os progressistas deram a ultima enclaudada na cova das instituições monarchicas. Quando o segundo imperio francez agonizava, Emile Olivier fez-se bonapartista. Martos adheria á monarchia de Affonso XII de Bourbon e rebentava a revolução de Badajoz. Jules Simon fazia-se realista e a Republica consolidava-se em França. Se é certo que a historia é a mestra da vida, o recuo do sr. Silva Lisboa e a apostasia do sr. Oliveira Martins annunciam a proxima queda da monarchia portugueza.

E', pois, incontestavel que a *Vida Nova* do partido progressista vae ser a trigessima edição do aviltamento dos homens e o desprestígio completo das instituições.

E osam então os jornaes progressistas chamar-nos ao seu doce convívio, porque as *dissidencias que estalaram no seio do partido republicano decompozeram este partido*! Muito bem. N'esse caso é completa a decomposição do partido progressista, porque n'esse partido vão *vozes de queixume, de irritação, de desalento, e só o pudor do que falsamente se chama disciplina partidária contém francas explosões de colera, e uma exposição cruel de duras verdades*. Ora quando existe tamanha decomposição, não é possi-

vel *vida nova*. Só é possível que continue uma vida podrossima.

Até n'isso os actos revoltantes dos republicanos que á ultima hora *viraram a casaca* vieram favorecer o partido democrata. Porque se não acabaram com as dissidencias, ao ménos diminuiram-nas muito.

Nunca, nunca partidarios de sua magestade. Nunca, nunca correligionarios do sr. Corrêa de Barros, do sr. conde de Valbom, de qualquer outro dentro do campo monarchico. Republicanos, dissidentes, indisciplinados, rebeldes, o que quizerem, mas republicanos primeiro do que tudo, sempre; monarchicos, nunca, nunca...

Até morrer, até ao ultimo instante, ouvir-se-ha em toda a linha republicana o nosso grito de guerra. Grito que não transpira ambições, que não pede mandos, que não quer benesses, o grito sereno e forte dos convictos:

A's armas contra a monarchia!

SUA EXCELLENCIA

Sua excellencia não é incoherente. Sua excellencia tinha dito: — «desde que falta o caracter, a venalidade concorre para encarecer o custo dos serviços.» (H. de Port. pag. 290, tom. 2.) E sua excellencia conhecia o seu caracter. E sua excellencia encareceu os seus serviços á patria, o seu sacrificio entrando na politica!

Sua excellencia não apostatou. E' verdade que sua excellencia chamou ao rei na idade media o *chefe dos bandidos*, mais tarde um *saltrapa assassino de creanças*, mais tarde *idiota, devasso, soez e baixo*; mas sua excellencia tambem disse dos tempos actuaes: — «A corrupção, mais ou menos positiva, a seducção da vaidade, das prebendas, dos empregos, da influencia, lança nos caracteres uma semente de perverção que germina no corpo de uma sociedade desprovida d'uma escola de homens sabios, de caracteres fortes, alheios ás miserias communs: fibra intima, mola resistente, que ponha em cheque a influencia delecteria da intriga.» (Hist. de Port. pag. 289—tom. 2.)

Não, senhores, sua excellencia não apostatou, porque sua excellencia previra o que havia de acontecer. Sua excellencia disse muito e muito a tempo, que na sociedade portugueza não havia caracteres fortes que resistissem á seducção da vaidade, das prebendas, dos empregos e da influencia. Não, senhores, sua excellencia não apostatou.

Sua excellencia o que foi sempre é mal comprehendido e sua excellencia não tem culpa d'isso. Sua excellencia não gostava mas era dos que cortavam cabeças e dos pobres utopistas como Fernandes Thomaz. Os homens de 20 eram nobres, mas um tanto ridiculos (Idem—235—tom. 2); os de 34 eram estadistas audazes que sentiam a tendencia decisiva dos tempos modernos para o in-

dustrialismo, padeciam os vicios communs a todos os partidos que não tem outro norte alem da Utilidade. Corrompiam, atacavam intinamente a fibra molle d'um povo entorpecido; e por esse meio, muito eficaz em Portugal, conseguiram conservar-se» (Idem—286—2).

Carlota Joaquina, que cortava cabeças, era uma megera horrenda e desdentada, creatura devassa e abominavel em cujas veias corria toda a podridão do sangue bourbon» (Idem—260—2); José Estevão e Passos, honrados e serios, estavam cheios de *illusões tenazes*; mas aquelle finorio do Rodrigo da Fonseca, aquelle menino que tratava os deputados como as casas, antes valia comprá-los feitos do que mandá-los fazer, esse era «um homem de habilidade, um homem superior, frio e sem escrúpulos» (Id. 287—2.)

Não vociferem contra sua excellencia, porque não tem razão. Sua excellencia sempre demonstrou nos seus livros que era um homem *pratico*, um *homem da epocha*. Nunca o seduziram as *utopias radicais* a que votava risos de sarcasmo, palavras de desdem. Se tinha alguma admiração era pelos que gostavam dos rendimentos e do bem estar.

Sua excellencia só tinha a *pecha* de ser tambem sebastianista. Sua excellencia esperava o Messias e nada mais. «O sebastianismo era pois uma explosão simples da desesperança» (Id. 82—2). Assim tudo quanto sua excellencia escreveu contra os reis e o constitucionalismo era uma *simples explosão de desesperança*. O Messias para o povo era D. Sebastião e mais tarde D. Miguel. O Messias para sua excellencia, o sr. Oliveira Martins, é o sr. Corrêa de Barros, presidente da camara municipal do Porto e deputado pela nação.

Não, senhores, sua excellencia não apostatou.

SOCIALISTAS

Nos tempos modernos é feio ser monarchico. A politica tem modas como tudo. Vae d'ahi, quem não se quer declarar republicano, para não comprometter os seus interesses, diz-se então socialista. Sim, ser socialista e ser monarchico é facil; não se faz questão de forma de governo; o problema social resolve-se em todos os campos; a questão é attenuar a miseria; abolir o privilegio; fazer concessões ao proletario. E para isso haver rei ou não haver é o mesmo.

São palavras sacramentales de certos socialistas que conheço e que á primeira vista parecem uns finorios. Enchem a barriga, enquanto procuram os meios de a encher tambem aos outros.

Socialista assim é o sr. Pinho Chagas; já o declarou. Socialista assim é o sr. Fuschini. Socialista assim é o sr. Oliveira Martins. Socialista assim, é o proprio Anthero do Quental que vae

collaborar no periodico monarchico do sr. Oliveira Martins como dizem os jornaes. E socialista assim, e cá por Aveiro, o sr. Jayme de Magalhães Lima. E então os socialistas do *Protesto Operario* não se cançam de chamar *burguezes* aos republicanos!

Oh, senhores, nós somos os primeiros a acatar as vossas convicções que respeitamos; mas reparem nos vossos coryphets antes de repararem nos nossos.

Burguezes:—1.º—O sr. Oliveira Martins; 2.º o sr. Fuschini; 3.º o sr. Anthero do Quental; 4.º o sr. Jayme de Magalhães Lima. Querem mais?

X.

JOSE MARIA PACHECO

Falleceu este nosso conterraneo. Victima d'uma lesão cardiaca, succumbiu no Porto, no dia 26 do mez findo, e o seu cadaver foi sepultado no cemiterio de Agramonte d'aquella cidade.

Caracter honesto entre os mais honestos, Santos Pacheco nascido d'um meio humilde, soube activo da sua origem, elevar-se a uma individualidade tão sympathica quanto respeitavel.

Pouco tempo depois de sair da escola medico-cirurgica de Lisboa, alistou-se no exercito servindo como cirurgião ajudante nos regimentos de infantaria 6, 8 e 17. Elevado a cirurgião-mor permaneceu algum tempo em infantaria 17, passando a servir depois em caçadores 1 e ultimamente estava em caçadores 9.

Em cada camarada tinha um amigo, porque Santos Pacheco era uma d'essas almas privilegiadas que sabem inspirar simultaneamente o respeito e o affecto.

Nascido em 22 de março de 1821, sendo seus paes Luiz dos Santos Pacheco e Angelica Rosa dos Santos Pacheco, Aveiro escutou-lhe os primeiros vagidos e tributava-lhe a homenagem d'um dos seus filhos dilectos. Amava-o tanto mais porque sem possuir mofados pergaminhos nobiliarchicos elle não escondia a sua condição primitiva, nem se impunha soberbeiro e immodesto com a sua elevada posição social. E' por isso que a memoria de Santos Pacheco ha de ser perduravel e ficará saudosa no animo de quantos souberam apreciar aquella alma sempre aberta a todas as acções que nobilitam.

Cidadão prestante, o seu caracter reverberava a culminancia do seu coração que se expandia em vibrações sublimes. Extinguiu-se aquella existencia que foi uma serie de dedicações caridosas, mas ficou a sua memoria passando entre milhares de bençãos e sobre o seu tumulo refulgendo uma aureola de saudades.

Naturalmente compassivo, conheciamos-lhe uma feição excepcional do seu temperamento, e a quantos espiritos superficiaes passaria ella inapreciavel? Santos Pacheco sentia-se vivamente impressionado quando se lhe deparava qualquer passaro sujeito. Uma gaiola tinha para elle a perspectiva d'uma enxovia, e com a sua modesta bolsa dava a liberdade a muitos d'aquelles animaes.

Esta condolencia especial circulo e os rapazes exploravam-na habilmente, negociando com Santos Pacheco a liberdade dos seus protegidos dilectos.

Era uma gloria aveirense, que repousa bem ao lado dos mais illustres filhos d'esta terra. Soube honra-la tambem com a sua illustração. Porque Santos Pacheco era igualmente um espirito illustrado e desprendido de velhos preconceitos. Apreciámos-lhe a sua collaboração no *Campeão das Provincias*. Os seus escriptos em linguagem vernacula tinham o cunho do humorismo caustico, que fere com suavidade.

A guarnição militar do Porto honrou dignamente as cinzas do benemerito cidadão. Nós tambem fomos em espirito depór sobre o

seu ataude uma corôa de perpetuas como preito da nossa saudade.

Associámo-nos á dôr que afflige a familia do nosso malgrado conterraneo.

JOÃO MARQUES DE OLIVEIRA

Depois de dolorosos soffrimentos succumbiu na segunda feira passada o muito conhecido artista d'esta cidade, João Marques de Oliveira.

Homem trabalhador, de uma actividade laboriosa, João Marques d'Oliveira mereceu-nos por isso a consagração d'um membro prestimoso e util no meio d'esta sociedade de parasitas que consomem sem nada produzir.

O trabalho que consubstancia a realidade da existencia humana teve em Marques d'Oliveira um fervoroso apostolo da sua santificação. Sem descermos a bajular-lhe a memoria, elevou-se no meio dos seus consortes e era apontado como modelo entre os mais laboriosos filhos do trabalho. A enfermidade, porém, minára-lhe a vida, e d'aquella existencia apenas restava nos ultimos tempos o pallido reflexo d'uma vontade energica.

A mais brilhante aureola com que podemos circundar o tumulo do nosso malgrado conterraneo, é podermos chamal-o bom chefe de familia e bom cidadão! Estas duas palavras tão simples, synthetizam tudo o que poderiamos dizer sobre a campa de um homem que deu á sociedade uma avultada parcella das suas energias.

O trabalho honesto é nas suas diversissimas ramificações o tributo inalienavel que todo o homem deve á grande familia social. O que prevalecendo-se dos seus haveres ou deixando-se avassallar pela ociosidade que só inspira actos illicitos, não contribue para a satisfação d'esta divida, está fóra das leis naturaes, é um escalrachô da sociedade, um estorvo na engrenagem da perfectibilidade humana.

Por isso nós que temos pelos homens trabalhadores honrados um culto sincero, deixámos n'este lugar o signal do nosso preito pela memoria do cidadão que já não vive, associando-nos á dôr que ora lanceia a familia de João Marques de Oliveira.

O nosso pezame.

PELO ESTRANGEIRO

Cada vez se accentuam mais as probabilidades de guerra entre as duas potencias do norte, e circumstancia curiosa, o imperador Alexandre mostra-se descontente com a attitude da opinião militar russa que quer a guerra a todo o transe.

A campanha, que deve ser de proporções gigantescas, vae absorver á Russia um exercito numeroso, obrigando-a a desguarnecer o interior do paiz em cujo seio, como na Inglaterra, existem gemenos para uma conflagração civil, complicando a guerra do exterior.

Os nihilistas e os polacos não adormeceram ainda apezar de dizimados pela forza e pelo exilio, e o czar cuja vida está ha muito jogada, teme uma surpresa facilitada pelo *entertainmento* da lucta anglo-russa. O autocrata é talvez a unica nota discordante no meio do azáfama bellico dos homens militares da Russia.

As ultimas noticias que nos chegam mostram que não são vagos os receios do czar. Os revolucionarios de ambos os paizes belligerantes mancomunam-se para uma tentativa temeraria simultaneamente nos respectivos estados aproveitando a guerra internacional.

M. James Redpath, um dos principaes agitadores da liga agra-

ria na Irlanda, acaba de ter uma entrevista com M. Hartmann, o famoso nihilista.

Este ultimo declarou que o nihilismo continuava sendo um dos principaes factores da politica russa, e que a sua organisação se completa e a sua influencia augmenta sem cessar.

Os nihilistas julgam conveniente ficarem tranquilos n'este momento. Os conselheiros do czar desejam a guerra, porque entendem que a victoria destruirá a influencia dos nihilistas e consolidará a dynastia dos Romanoff.

Hartmann julga, ao contrario, que a guerra será o signal da emancipação dos russos, mas que para isso, os revolucionarios devem permanecer tranquilos enquanto durarem as hostilidades.

A Inglaterra cede terreno ás pretensões moscovitas. Já não impugna a occupação de Pendjeh pelos russos, mas implora piedosamente que a Russia não avance mais; não exige satisfações peremptorias pelo procedimento do general Komaroff, limita-se a pedir pelo amor de Deus que os actos d'este militar sejam syndicados. E a Russia desdenha as humilhações de Grã-Bretanha, engrossando o exercito nas fronteiras russo-afghans, e «por honra militar» sanciona os actos de Komaroff.

Oh soberba Inglaterra, estás libando a taça das mais cruéis decepções e angustias. Avaliamos com que repugnancia terás baixado a juba á fatalidade das circumstancias que te fustigam inexoraveis.

Vão desaparecendo as esperanças de pacificação com que os jornaes londrinos acariciavam os subditos da rainha Victoria. Já dizem que se inutilisaram todos esforços para se chegar a um accordo. E para não deixar aos russos o campo de todo livre, a Grã-Bretanha não descursa os preparativos de guerra; nem os estalheiros do estado a satisfazem com a urgencia que ella deseja, pois segundo o *Temps*, de Paris, o governo inglez propoz á Hespanha a compra dos torpedeiros que esta nação havia encomendado n'uma fabrica ingleza. O gabinete vae pedir um credito de 6 milhões, porque não vê probabilidades de paz.

A guerra do Sudão, que estropiou a nossa alliada, parece que terminou e d'uma fórma deploravel para a Inglaterra, que tem de evacuar o campo da lucta antes que lá lhe fique o ultimo soldado, e o prestigio do seu exercito não seja mais arrastado pelas ruas da amargura. Era, alem d'isso, um grande estorvo á sua acção na India. Vae de surpresa em surpresa.

A diplomacia russa tem ganho pela sua attitude austera muito terreno, e da pusillanidade ingleza tem tirado um partido enorme. Quanto mais tímida se lhe apresenta a sua antagonista, mais o governo moscovita se mostra azafanado nos trabalhos de guerra, fazendo galla da sua força militar; mas de facto prepara-se. Os jornaes russos lançam aos quatro ventos que tem mais de 200 navios actualmente no mar d'Azof. O preço do trigo subiu consideravelmente em Odessa, em razão das compras effectuadas por ordem da intendencia russa. Todos os navios de guerra russos que estão no Mediterraneo receberam ordem de se reconcentrarem em Croustadt.

Os contendores não perdem um momento de se armar até aos dentes. Desmentirão o proloquio: se queres paz prepara-te para a guerra?

CARTAS

Lisboa, 1 de maio.

A apostasia do sr. Oliveira Martins, com os artigos que alguns jornaes progressistas, especial-

mente as *Novidades*, tem publicado sobre a *Vida Nova* do partido progressista, são desde segunda feira o assumpto obrigado das conversações nos circulos politicos de Lisboa. A apostasia do sr. Oliveira Martins é geralmente recebida com tristesa. Se o autor da *Historia de Portugal* fosse uma vulgaridade qualquer, passaria indifferente aos olhos de todos o acto repugnante que acaba de praticar; mas a qualidade de escriptor distincto, de critico severo, de erudito que sem favor se ligava ao nome d'aquelle individuo, torna saliente a sua quebra recente de dignidade e de caracter, saliencia que nos entristece em lugar de nos irritar, porque é sempre triste e melancholica a despedida de qualquer illusão fagueira ou risonha. Aquelle homem era considerado por todos, ou fossem monarchicos ou fossem republicanos, um caracter inquebrantavel e honesto; agora é incontestavel que tinha tudo, menos caracter.

Ora o caracter é tão raro nas eminencias da litteratura, da sciencia ou da politica portugueza, que a multidão ajoelha-se aos pés dos que demonstram uma consciencia impolluta e recta no meio da podridão geral que a rodeia. Se se vê enganada, por isso mesmo e illusão é mais cruel e afflicta. Vem então a phrase do costume:— *está tudo assim*.

Não são só os republicanos que stygmatisam a apostasia, a mais clara e repugnante que se tem visto nos ultimos annos, do sr. Oliveira Martins. Tambem muitos dos monarchicos a stygmatisam, em termos severos e asperos. Sempre foi assim:— *ama-se a tração e aborrece-se o traidor*. Deixemos em paz o traidor.

O jornal *Novidades* aproveitou a occasião para fazer propaganda em favor do partido progressista. Mas foi infeliz no effeito, e até na phrase algumas vezes. Assim, no domingo chamava os republicanos a militar nas hostes da Granja, talvez por julgar loucamente que a apostasia do sr. Oliveira Martins abalara as nossas convicções! Não as abalou, consolidou-as! Chamava-nos a militar nas hostes da Granja, porque as *dissidencias que estalaram entre nós haviam decomposto o partido republicano*. Porem logo na segunda feira confessava que existiam profundas dissidencias no partido progressista. Acrescentava na terça que o partido progressista era *estreitado n'um circulo de mesquinhas intrigas e de tristes misérias e que eram necessarias fortes rajadas para varrer a magna caterva de especuladores tacanhos e de ambiciosos vulgares, que exploram os negocios do paiz em beneficio das suas cobiças ou das suas vaidades*. Continuava na quarta que os *progressistas que só cuidavam dos seus interesses particulares e contrariavam o movimento do Porto eram indignos de se acobertar com uma bandeira gloriosa*. E acabava por lhe chamar *caes que ladram á caravana que passa*. Finalmente, hontem levava ao cumulo a sua irritação contra os progressistas dissidentes. Accusa-os de *calumniadores, de desvirtuadores das boas intenções alheias, etc. etc.*

Reparem n'isto os leitores, e riam-se das *invocações das Novidades*. Os republicanos devem fiar-se no gremio da Granja, porque decompozemos o partido com dissidencias internas. E o que terão elles feito ao partido progressista com as suas dissidencias, fazem favor de nos dizer?

O partido progressista é que está decomposto e morto. Nem o movimento, o *grande movimento* do Porto, com o *glorioso* Oliveira Martins á frente, os harmonisou e uniu. O *Dez de Março* ataca a *Vida Nova*. O *Diario Popular*, o *Commercio de Portugal*, o *Correio Portuguez* estabelecem em volta da *Vida Nova* a conspiração do silencio. O sr. Navarro não pode vêr o sr. Ennes e vice versa. O sr. Marianno não os pode vêr a todos e vice versa. O sr. Adriano

Machado não pode vêr o sr. Correia de Barros e vice versa. Tudo assim.

E' certo que existem dissidencias no seio do partido republicano. Mas essas dissidencias tem sido uteis, não tem sido prejudiciaes. Eram devidas principalmente ás manobras e intrigas d'uns miseraveis conhecidos. Hoje parece que estão todos convictos d'isto, chefes e soldados. Se o estão, como creio, o partido republicano vae entrar na lucta mais forte do que nunca. Se as dissidencias serviram para esclarecer o caracter de cada um, para o reconhecimento de certos erros, para assignalar conductas, abençoadas sejam ellas. Não eram dissidencias d'ambições, como as que existem no partido progressista. Eram dissidencias de principios, aggravadas pelos manejos dos despreziveis, dissidencias justas e grandiosas que não de existir sempre sem que evitem a approximação dos homens para a lucta final. E as apostasias vieram a proposito. Augmentaram o entusiasmo e a actividade dos que estavam desalentados e tristes. Distinguiram os que eram verdadeiros republicanos dos que só eram irrequietos e vaidosos. Tentando com riso sarcastico esphacelar o partido levantaram a indignação dos primeiros e a alegria dos segundos. Os primeiros entendem que será melhor esquecer pequeninas offensas para erguer com coragem a alavanca demolidora contra o velho edificio dynastico n'uma hora que se aponta como critica. Não querem que os accusem nunca de falta de abnegação e de patriotismo. Não calarão os principios, porque é impossivel; não abandonarão o conselho, porque é mau; mas procurarão affastar pedras e cardos do caminho. Se outros quizerem os cardos e as pedras, os chefes, principalmente, sobre elles recahirá a inteira responsabilidade. Os seguintes, os irrequietos por systema, os vaidosos apenas, esses, ou estejam na *cottierie* dos chefes ou estejam n'outra parte, esses ou foram ou irão para a valla commun.

A apostasia do sr. Oliveira Martins faz-nos bem. O partido republicano não morre, porque não pode morrer. Cada vez será mais forte e opulento. Os homens passarão por cima dos homens. Os nullos irão para o chão, os talentosos irão para cima.

Y.

NOTICIARIO

Foi muito concorrido o *Te-Deum* celebrado na quarta feira no templo da Apresentação, para memorar o restabelecimento da grave enfermidade que acommetteu ha tempo o sr. Manuel Firmiano d'Almeida Maia, presidente municipal d'este concelho.

A' cerimonia assistiram membros de todas as camadas da sociedade.

Na sexta-feira teve lugar a sessão ordinaria da junta geral d'este districto.

Pelar 12 horas da manhã foi aberta a sessão pelo sr. governador civil, estando presentes quinze procuradores, tomando a presidencia provisoria o sr. Alexandre de Seabra e o lugar de secretario o sr. dr. Barboza de Magalhães. Procedendo-se em seguida á eleição dos membros que haviam de compor a meza definitiva, saíram eleitos os sr. conde do Covo, presidente, vice-presidente o sr. Sebastião de Carvalho e Lima e secretarios os srs. João Honorato da Fonseca Regalla e Lourenço da Silva.

A meza limitou os trabalhos d'esta sessão a nomear a commissão do relatorio, composta dos srs. Araujo e Silva, Duarte Ferreira Pinto e Lourenço da Silva, e deliberou que a commissão executiva, composta dos srs. Carva-

lho e Lima, Vicente P. de Carvalho e Souza e João M. da Fonseca Regalla, dêsse parecer sobre o expediente.

A sessão terminou a um hora da tarde.

Principiou no 1.º do passado e deve findar no ultimo do corrente o prazo para os aflamentos n'este concelho de pesos e medidas.

Os chefes de estabelecimentos ou lojas que, dentro do referido prazo, não fizerem os aflamentos de quaesquer instrumentos de pesar ou medidas de que fizerem uso, ficam sujeitos ás multas pela legislação em vigor.

O tempo corre com uma irregularidade impropria da estação, o que não é proveitoso nem para a agricultura nem para a saúde publica.

A Primavera ainda se não mostrou em toda a sua magnificencia, deu-nos alguns dias amenos e agradaveis, os campos tomaram um aspecto vicejante e alegre, mas voltou tudo á monotonia e aspereza do inverno. Chuva ou vento é o que tem predominado ha muitos dias com umas curtas intermitencias do sol coado pelas neblinas que mal o deixam chegar até nós.

Está mesmo frio, muito frio se nos lembramos que a Primavera deve ser um pouco mais amavel do que a quadra finda. A vegetação resente-se d'esta intemperie agreste, as sementes rompem a custo a superficie do solo impedindo e apresentam-se estioladas, rachiticas, sem viço.

Proseguem com actividade os trabalhos nas salinas para a nova colheita. O tempo não favorece muito esse serviço, pois que a chuva é inutilisa ou atraza. Os marnotos, porem, aproveitam todo o tempo que podem em adiantar os trabalhos, apesar da ria ter ainda muitissimo salem ser, apathia de gravissimos danos, que o famoso imposto originou na primeira industria local.

A syphlis germina ahí por uma fórma admiravel. Planta da familia graminacea em terreno desafogado aproveita essa circumstancia para estender as raizes á vontade. Abrange já um área respeitavel, e ameaça alastrar-se mais se lhe não embargam o passo. Prevenção aos *dilletanti*.

Principiaram na terça feira as audiencias geraes n'esta comarca, sendo addiido o primeiro julgamento em vista do reu se encontrar atacado de variola.

Na quinta feira deu entrada no hospital d'esta cidade a creanga que nós aqui noticiámos ter sido ha tempo estuprada em Eixo. As violencias aggravaram-se a ponto que a mãe da victima se viu obrigada a recolher a aquelle estabelecimento de caridade, dizendo-se haver vestigios syphlíticos.

O malvado foi submettido a inspecção de sanidade, mas o nosso informador não nos soube dizer o resultado do exame. A confirmar-se essa circumstancia agravantissima, o delinquente merece um rigoroso castigo.

Parece que não passa de um louco de monomania religiosa o padre Joaquim Tavares Dias Ignacio, de Cedrim, que costuma ir para o templo d'esta povoação praticar os mais estravagantes desenhos e deve merecer portanto mais compaixão do que castigo.

O pobre homem tem ha muitos annos a mania de se crer esposo de uma Nossa Senhora das Neves que se venera na matriz de Cedrim e por isso julga-se com direito a apresentar-se em trajes ligeiros ou a mudar de roupa á vista d'aquella imagem, e a arrecadar tudo o que lhe pertence.

Ora digam-nos se quem exhibe estes destemperos tem a bola em estado regular!

A victima do desastre da Palhaça que noticiámos no domingo ultimo foi uma filhinha do nosso amigo sr. Daniel Augusto Simões Arroz.

Melhor informados pelo nosso amigo, soubemos que não foi um dos irmãos que desfechou a espingarda. As creanças estavam brincando quando encontraram a arma, á qual por precaução o nosso amigo havia tirado a capsula. Um dos pequenos levantou o galtilho, mas ignorando como o devia fechar, encostou a espingarda a uma cadeira, e em momento tão fatal que ella resvalou no chão disparando-se e ocasionando o triste acontecimento que já noticiámos.

Escrevemos a respeito de José Maria Henriques Coelho:

«Diz-se que elle tenciona recolher á cadeia d'Oliveira d'Azemeis por algum lhes prometter livramento a troco de 1:000\$000 reis.»

O nosso collega do *Jornal do Povo*, d'Oliveira de Azemeis, transcreve e acrescenta:

«E' grave o facto que o collega revela e visto que o assassino José Maria Henriques tem de ser julgado n'esta comarca, entendemos dever pedir cathoricas explicações a tal respeito para que a responsabilidade do acto vá a quem de direito pertence.»

O collega deve comprehender que nós não affirmámos o facto, e que a nossa radacção não deixa lugar a explicação alguma por já se incluírem todas no *diz-se* boato.

O que, porém, affirmamos e provaremos logo que o collega o deseje (e isto para lhe justificar a sua admiração que muito nos admira) é que José Maria Henriques ainda a semana passada vivia em Silva Escura, a 3 kilometros de Sever, em casa d'um proprietario que foi regedor com os progressistas e que ainda provavelmente o tornará a ser.

Ao que nos vem subscriptado respondemos só isto, por hoje.

Agora pedimos sinceramente ao collega desculpa para um conselho: Diga ao collega do *Distrito d'Aveiro* que o *Primeiro de Janeiro* accusou o sr. administrador de Sever de ter ao seu lado José Maria Henriques na estação telegrapho-postal de Pecegueiro na occasião em que telegraphava para os seus collegas do reino que prendessem o assassino e até hoje ainda não se limpou.

E... até breve.

Um nosso amigo das Minas da Fontinha queixa-se-nos de que raras vezes o *Povo de Aveiro* lhe chega ás mãos e quando recebe algum numero é com atrazo de muitos dias.

Pois affiançámos ao nosso amigo que o jornal é expedido d'aqui com a maxima regularidade e que só á inepcia ou acinte de algum empregado telegrapho-postal se deve attribuir a falta de que se queixa.

Vamos enviar-lhe os numeros que lhe faltam, esperando nos avise de qualquer extravio para providenciarmos da fórma que estiver ao nosso alcance.

Estámos cansados de bradar, e todavia não cessam as irregularidades no serviço postal, com grave damno em especial para as emprezas jornalisticas.

O nosso collega *Ovarense* publicou um supplemento ao seu n.º 95 no qual verbera a arbitrariedade da camara d'Ovar, fazendo substituir com a mais boçal descortezia o antigo clinico partidista d'aquelle concelho sr. dr. Antonio Pereira da Cunha e deixando de lhe pagar o ordenado d'um anno.

Apezar da distancia que nos separa d'aquella localidade sabemos que o senado ovarense não prima pela imparcialidade dos

seus actos, pondo os seus caprichos e compromissos politicos acima das conveniencias publicas; e esse procedimento ultimo que implica uma torpeza baixissima accentua e corrobora a falta de escrupulos na administração municipal e revela um caracter de sentimentos menos cortezes.

Mas que quar o collega? E a coherencia d'estes tempos de baixo imperio. E quando a corrupção é o lemma no capitolio central da governação publica, os seus effectos não-de reflectir-se fatalmente cá em baixo, nos recessos d'essa administração.

Outro exemplo d'esta anarchia medonha chega-nos ao mesmo tempo que o supplemento do nosso collega. A *Aurora do Tamega* insere um estadal de vergonhosissimos escandalos praticados pela camara de Chaves. Falta-nos o espaço, senão transcreveriamos o sudario; mas o que este nosso collega traz a publico é d'uma alta responsabilidade criminal. Passemos ante tantas e tão descabeladas delapidacões. Até os mortos eram empregados da camara, e assignavam os respectivos recibos dos seus vencimentos!!!

O que ahí vai, santo Deus!... Fez, só fez, podridão, só podridão é o que fermenta ahí em uma promiscuidade repugnante, vil e genuinamente monarchica. Passa de linguo, inmundicia, de leprozos; tapemos os narizes que as pustulas envenenam a atmosphera.

Ignoravamos que o sr. visconde de Alentem, cuja filha os jesuitas roubaram, fosse deputado ás côrtes actuaes, e não comprehendemos que s. ex.ª sentado em uma cadeira do parlamento suffoque a dôr que deve ter-lhe produzido o deploravel successo, não pedindo ao gabinete uma representação energica na obra d'aquelles temerarios inimigos da sociedade, dos affectos mais santos que vinculam a familia.

E' assombroso! Dar-se-ha caso que a obsecção d'espírito chegue a ponto de se assistir impassivel ao derruir da familia, sem um protesto, sem um desforço por aquelles que são feridos tão rudemente no mais delicado santuario dos seus affectos? Ou os crapulosos jesuitas terão avassalado tanto que já se imponham pelo medo nas altas regiões da administração publica?

O sr. visconde d'Alentem que talvez imaginasse exageros d'impressão os factos que ella aponta diariamente dos manejos jesuiticos, experimentou em cheio um golpe profundo; e todavia vem-o abdicar a justissima colera que deve inspirar-lhe o acto dos jezuitas, não sabemos ante que considerações! E' isso o que deprehendemos do seu silencio no parlamento de que é membro, e em cujas attribuições está o estorvar o passo aos sectario das trevas.

Será possivel que tenhamos descido tanto?...

O 41 da 1.ª companhia do 8, de guarnição em Braga, desaveiu-se com o 42 e deu-lhe tal dentada no nariz que o pobre soldado teve de recolher ao hospital.

Estámos a ver que nos succede como aos grillos da fabula: comermos-nos uns aos outros. As senhoras mulheres deram o exemplo, e a mania vai lavrando.

Um correspondente em Leiria d'um periodico da capital descreve uma scena burlesco-religiosa que se deu durante a quaresma no templo d'uma das povoações convisinhas d'aquella cidade. Achamol-a tão caricatamente engraçada que vamos transcrevela. Vae sem commentarios; para não a tornarmos muito prolixa.

«Não longe d'esta cidade (Leiria) ha um pequeno lugar denominado Espirite, famoso pela devoção dos habitantes e pelas gaitas de folles dos ditos.

Commeñorou-se ali este anno

a quaresma d'um modo singular.

Cada domingo, da tribuna, o padre contava em estylo tetrico os tormentos e agonias de Christo; no fundo, no altar-mór, uma e aprida imagem de pau, feita de peças separaveis, era o santo objectivo da chorosa elegia do padre e da ingenua adoração dos camponesos. Em volta da imagem, enfileirados, de barbas posticas e lança em riste, alguns alentados mogos do logar representavam o repugnante papel de phariseus.

Um fato de ganga azul e um turbante de chita riscada, completavam a semelhança com os inimigos de Jesus.

Quando o sermão estava acendendo em todos sagradas iras, quando as lagrimas sujas das mulheres tingiam os corpetes de veludillo, então, a um signal do prégador, os phariseus agarravam as lanças pelo cabo, e— zás! era ver qual d'elles malhava mais forte no pobre Nazareno! Cahiam-lhe as peças pouco a pouco; braços e pernas tombavam sobre as cabeças dos hereticos, despegava-se o pescoço de pinho, e em breves instantes o Salvador dos humanos, ficava reduzido a um misero monte de lenha. Terminava então o sermão, e o populacho lá ia em procissão enterrar entre soluços avinhados, os restos do martyr, que no outro dia era desenterrado para soffrer os mesmos horrorosos tratos do domingo seguinte!

N'um dos dias da semana santa, a scena deu-se como acabamos de descrever, com uma variante: no momento solemne em que um phariseu se abaixava para vibrar mais fortemente o golpe, quiz o mofino acaso que o calção de ganga azul se rasgasse bruscamente sobre o... sitio dos ponta-pés, de modo que o edificante espectáculo variou subitamente; o Christo foi esquecido, e os pensamentos dos devotos desceram n'um momento das scenas commovedoras do Calvario, á prosa vil das coisas terrenas! Os que estavam adiante do phariseu, choravam; os que estavam atraz, riam. O padre que n'esse momento estava narrando a traição de Judas, exclamava então: «Dá-lhe o beijo, apóstolo traidor! dá-lhe o beijo!»

—«Dê-lh'o você! gritou um espectador do altar mór.»

Para muitos dos nossos leitores não é talvez novidade que o governador civil de Lisboa acaba de dirigir uma circular a todos os habitantes da capital, pedindo-lhes para que subscriçvam para um cofre de beneficencia, destinado a socorrer o *assombroso numero de individuos e familias, que vivem na capital, perfeitamente privados dos mais indispensaveis meios de subsistencia*.

Louvámos a iniciativa do sr. Peito de Carvalho, porque é de grande alcance moral. Em Lisboa como em todos os grandes centros ha muita pobreza enclausurada nas trapeiras dos seus grandes edificios; mas as scenas lancinantes da fome ficam muitas vezes sepultadas na sombra d'aquelles apertados ambitos, e a morte é quasi sempre o epilogo de privações crudelissimas.

Acatámos com louvor tudo quanto tenda a minorar as agruras d'este mal estar social, ainda que por fórma tão exigua.

Oxalá que o exemplo do governador civil de Lisboa estimule os seus collegas. Entre nós ha tambem tanta miseria...

Na sessão parlamentar do dia 27 do mez findo, o deputado republicano Consiglieri Pedroso insistiu na remessa dos documentos que ha tempo pedira sobre os calotes por titulos honorificos em dívida a fazenda nacional. E sabem a resposta do governo? Que a nota pedida pelo sr. Consiglieri Pedroso não podia ser enviada á camara por levar ainda muito tempo a elaborar!!!

O gabinete corroborou o que

em geral se esperava. O deputado republicano vergastou a cara alvar dos ministros do rei, fazendo sentir a protecção que é dispensada aos caloteiros titulares, ao passo que o fisco é inexoravel com o pobre contribuinte que não paga impostos por não poder. Na lista dos devedores á fazenda nacional corre que entram os proprios ministros de todos os gabinetes que se tem refucillado no poder, e que o actual ministro da fazenda deve só á sua parte mais de quatro contos de réis.

Podéra! E' juiz em causa propria; e o sr. Consiglieri teve talvez a levandade de acreditar que o sr. Hintze viria passar pelas forcas caudinas!

E' o symbolo de honestidade este sr. Hintze Ribeiro. O neofito faz honra ao mestre.

O paiz que tome nota de quem confia os seus destinos. Nós é que estamos fartos de lhe apontar tanta ignominia, e o nojo invadenos já o espirito— tanta indifferença encontrámos nos governados, e cynismo e crimes nos governantes.

O sr. Luciano Cordeiro não aceitou o diploma d'honra que lhe offereceu a sociedade de geographia commercial do Porto.

O homem que ligou o seu nome á memoravel conferencia de Berlim tem-se visto assoberbado com honrarias de todos os feitios: uma alluvião de impertinentes que não o deixam socegar das luctas diplomaticas na conferencia em que Luciano Cordeiro foi admirado pelos seus dotes phisicos.

Mas sério, sério que foi uma desconsideração para aquella casa de sabios, lá isso foi. Por deferencia, o sr. Cordeiro não devia voltar-lhe as costas; assim o entendemos.

Desde 1 de julho até 29 de setembro do anno findo, falleceram no imperio do Brazil 33:000 subditos portuguezes!

E' uma horrorosa cifra de mortalidade, que todavia não amedronta os nossos compatriotas. A emigração continua em larga escala, porque a mãe patria dessangrada arrasta uma vida de miserias, e os seus filhos vão longe procurar o sustento e encontram a morte.

Esse quadro desolador, é o tambem de tremendas responsabilidades para a turba-multa dos dirigentes a quem o paiz ha de um dia pedir severas contas do seu mandato na administração nacional.

Outro triumpho da ciencia.

Segundo communicam de Madrid, um medico catalão conseguiu innocular o colera por meio da vaccina. Inspirando-se nos processos de M. Pasteur e do dr. Koch, aquelle medico vaccinou, por meio de injeccões hypodermicas, oitenta e tres pessoas, incluindo trinta medicos. Todos estes individuos, depois de apresentarem durante dois dias os symptomas do colera, restabeleceram-se totalmente, ficando indemnes.

A faculdade de medicina de Madrid enviou dois dos seus membros para seguirem os trabalhos do medico catalão que está já acompanhado, para o mesmo fim, de alguns medicos francezes, inglezes e allemães.

Com vista ás nossas summidades medicas. Porque nunca é demasiado fazer bastante publicas estas descobertas scientificas das mais uteis á humanidade.

No continente e Madeira existem, segundo diz o ultimo boletim da commissão central anti-phylloxerica, 16:191 hectares de vinhas invadidas pelo phylloxera.

A estatistica dos estudantes matriculados actualmente na universidade de Coimbra, dá a seguinte distribuição pelos districtos continentaes, ilhas, Brazil, Estados da India, Africa e Uruguay, a saber:

Aveiro 30; Beja 41; Castello Branco 33; Coimbra 65; Evora 41; Braga 60; Bragança 22; Faro 45; Guarda 47; Lisboa 37; Leiria 16; Portalegre 19; Porto 95; Santarém 48; Vianna do Castello 36; Villa Real 37; Vizen 58; Madeira e Açores 26; Brazil 19; Estados da India 7; Cabo Verde 1; Uruguay 1; Total geral 673.

Conta o *Journal de Medicines*, de Paris, que por motivo de varios envenenamentos que occorreram n'aquella capital, e cujas causas eram desconhecidas, foi nomeada uma commissão para estudalas e conhecê-las.

Essa commissão após minuciosas e longas investigações pôde descobrir a origem d'esses envenenamentos, que provêm, segundo o parecer que apresentou, do costume de alguns restaurantes e cafés de Paris, empregarem como combustível madeira velha e pintada, comprada aos empreiteiros de demolições.

O nosso infatigavel explorador Serpa Pinto escreveu relatando que fizera a viagem desde o Ibo até Quissanga com grande difficuldade, debaixo das medonhas chuyas tropicaes, mas sem perda material ou pessoal, tendo apenas enlouquecido o photogradho Paulo Mapp.

As lagunas da costa de Ibo são planicies enormes, arenosas e lamacentas onde entram as aguas das grandes marés. Tiveram que caminhar n'ellas, quando as torrentes que desciam das montanhas as inundavam, com um metro e mais de agua. Imagine-se o que é caminhar durante dias inteiros, agora com agua pela cintura, logo pelo peito, perdendo-se até algumas vezes o pé em sulcos mais fundos do terreno e encharcado pelas chuyas torrencias; o que é dormir molhado, não encontrando muitas vezes onde acender o fogo e ter ainda por cima de vigiar as vidas de uma grande caravana e reunir ao trabalho material uma enorme labutação de espirito!

Todo os regulos o receberam com o maior affecto e submissão. Serpa Pinto tenciona descer no mez de agosto as montanhas de L'Okinga para Luangua, devendo estar nos principios de setembro, no Zumbo, para descer do Zumbo até Quilimane, em que deverá estar em fins de outubro.

Durante o periodo de 25 annos, isto é, desde 1855 até 1880, nas guerras da Criméa, de Italia (1859), de Hespanha e Marrocos, de Schlswig Holstein, dos Estados-Unidos, da Austria e Prussia (1866), do Mexico-Cochinchina, da França e Prussia, da Russia e Turquia, da Zululandia-Afghanistan, pereceram 2.208.000 homens, e foram gastos 11.956.500.000\$000 réis.

Mas isto não é tudo; a paz armada do christianismo é tão oppressiva como a guerra, e cada dia do anno, o pobre trabalhador está obrigado a mais de uma hora do seu trabalho para cobrir as despesas do estado. D'esse tem-

po, duas terças partes são-lhes roubadas para despesas de guerra na qual o povo em geral não tem nenhum interesse.

Na actualidade, só na Europa ha pelo menos dez milhões de combatentes preparados e dispostos a despedaçar-se á voz dos generaes.

Os ultramontanos do reino visinho estão arrengados com o papa, porque Leão XIII condemnou os actos politicos do jornal *El Siglo Futuro*, órgão dos carolas hespanhoes.

Graves culpas commetteu a mofina para merecer as admoestações da curia romana.

BIBLIOGRAPHIA

As Evoluções da Historia. — É o decimo volume que a Bibliotheca das Ideias Modernas acaba de dar á luz.

A publicação não precisa de reclames ao seu merecimento. É obra de E. Littré, e traducção de Carrilho Videira.

Assigna-se na Nova Livraria Internacional, rua do Arsenal, 96, 100.— Lisboa.

Recebemos o n.º 16 do magnifico jornal de modas hespanhol— **El Correo de la Moda.** Excepciondas e variadas gravuras.

Assigna-se em Portugal, casa Henrique Thompson, Calçada da Estrella, 141 1.º—Lisboa.

A Inquisição, o Rei e o Novo Mundo. — Com o fasciculo 19 está concluido o 2.º volume d'este bello romance.

Assigna-se na rua d'Atalaya, 48— Lisboa.

Typ. do «Povo de Aveiro»

Rua da Alfandega, n.º 7

SECÇÃO DE ANNUNCIOS

AOS MESTRES D'OBRAS

QUEM pretender excellente areia para obras, a 160 réis cada carro, falle com Daniel d'Almeida Serrelleiro, musico da philarmonica Aveirense, na rua do Norte, em Aveiro.

OFFICINA DE CARPINTEIRO

RUA DE ALFANDEGA

(Baixos do hotel Cysne do Vouga)

Executam-se todas as obras pertencentes á arte de carpintaria, taes como armazéns para lojas, carpintarias interiores e exteriores dos edificios, etc., etc.

Todos os pedidos a

Fernando Homem Christo

ARMAZEM

Aluga-se um nos baixos da casa que foi do fallecido Bento Magalhães, na rua de Alfandega.

Quem o pretender dirija-se a Fernando Homem Christo.

Rendimento certo sem emprego de dinheiro.

QUEM se fornecer dos seguintes e estabelecimentos, recebe como brinde cedulas do Banco Cooperativo Commercial e por consequencia tambem receberá o dinheiro que dispender nas compras que fizer, por isso que o banco pagará opportunamente o valor integral das mesmas cedulas.

Mercearia dos srs. Gamellas & Filho, Praça do Commercio.

João Maria Ribeiro, com estabelecimento de serralheria e ferragens, rua Direita n.º 46, 48 e 50. Dá eguaes garantias a quem alugar os seus carros.

Tabacaria do sr. Joaquim de Sequeira Moreira, rua Direita.

ARCHIVO

DOS

MUNICIPIOS PORTUGUEZES

Sairá regularmente cada semana uma folha de 8 paginas, formato de quarto in-folio, em papel de luxo, nitidamente impressa.

A distribuição será feita pelo correio e bem assim a cobrança das assignaturas.

Preço: — Por mez ou 32 paginas, 800 réis.

As assignaturas não são pagas adiantadas mas sim quando termine o seu vencimento no fim de cada mez.

Todos os pedidos ao administrador da Nova Empresa Litteraria, Travessa do Convento de Jesus, 33—Lisboa.

Officina e deposito de moveis

—Rua de José Estevão—

MANUEL F. LEITÃO apronta com a maxima brevidade qualquer encomenda que diga respeito á sua arte.

CAIXÕES FUNEBRES

Tem um grande deposito d'elles, de todos os tamanhos, sempre forrados e prontos para qualquer hora a que forem procurados.

Contra a tosse

XAROPE PEITORAL DE JAMES, unico legalmente auctorizado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco, em Belem. Os frascos devem conter o retracto e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1884.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

XAROPE phelandrio composto de roza.

POMADA anti-herpetica do dr. Queiroz.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

BANDEIRAS

HA-as de lindos gostos em casa de José Vieira Guimarães, que as aluga por preços modicos.

RIO DE JANEIRO

COLCHOARIA DO CORSARIO

Rua d'Assembleia — 106

É prohibido sair freguez sem fazenda. A questão é de pintos á vista. Ser barateiro para arranjar dinheiro.

SEMPRE TRIUMPHANTE!

AS MACHINAS DE COSTURA

DA

COMPANHIA FABRIL SINGER

Acabam de obter na Exposição Internacional de Salud, de Londres, a

MEDALHA D'OURO

O MAIOR PREMIO CONCEDIDO NESTA EXPOSIÇÃO

É mais uma victoria ganha pelas excellentes machinas de coser da COMPANHIA SINGER que se vendem a prestações de 500 reis semanaes, sem prestação de entrada, e a dinheiro menos 10 por cento na

COMPANHIA FABRIL "SINGER,"

AVEIRO—75, Rua de José Estevam, 79— AVEIRO (Pegado á Caixa Economica)

GENEBRA

SEM RIVAL

Tonica, hollandeza, da antiga fabrica de C. C. Moreira & C.ª PREMIADA NA ULTIMA EXPOSIÇÃO AGRICOLA DE LISBOA

Consummo e accitação geral em todo o paiz. Deposito em todos os estabelecimentos de mercearia no Porto.

JOÃO AUGUSTO DE SOUSA

COM

OFFICINA DE SERRALHERIA

EM

—AVEIRO—

FORNECE ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os systemas, parafusos de toda a qualidade, ferragens estrangeiras, cammas de ferro, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, etc.

Contra a debilidade

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO, unica legalmente auctorizada e privilegiada. É um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradável e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de appetito, em convalescentes de quaesquer doencas, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas edosas, crianças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco, em Belem. Pacote 200 réis, pelo correio 220 r. Os pacotes devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

DEPOSITO em Aveiro, pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

HERPES E EMPIGENS

Curam-se em poucos dias com o uso da POMADA ANTI-HERPETICA do dr. Moraes. É muito util no tratamento das feridas chronicas.

Á venda nas principaes pharmacias do reino. Em Aveiro, pharmacia Moura; em lhavo, João C. Gomes. Deposito geral, pharmacia Maia, Oliveira do Bairro.

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, auctorizado pelo governo, e approvado pela junta consultiva de saude publica

É o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desolve-se rapidamente o appetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças. Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debéis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescencia de todas as doencas aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as crianças ou pessoas muito debéis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dose, com quaesquer bolachinhas, é um excellento «lunch» para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para aceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se igual porção ao «toast», para facilitar completamente a digestão.

Para evitar a contrafacção, os envoltorios das garrafas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1884.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na farmacia Franco, em Belem.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.